



VIRANDO
O JOGO



VOZES **que** TRANSFORMAM

DO PODER LOCAL AO
IMPACTO GLOBAL

Ficha Técnica

Este livro de histórias foi criado por uma equipe diversa de voluntárias/os, parceiras/os e profissionais comprometidas/os em celebrar os 10 anos de impacto do Virando o Jogo

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO

Louise Pita (Equipe Global Virando o Jogo)

CONTEÚDO

Curadoria de Histórias e Redação:

Mukesh George (Smile Foundation)

Marina Bernards (Fundação Wilde Ganzen)

Natália Velasquez (Corporación Podion)

Luisa Bernal (Corporación Podion)

Silvia Martins (colaboradora independente)

COLETA E ANÁLISE DE DADOS:

Coordenadoras/es Regionais e

Responsáveis de Comunicação

Reham Basheer (Fundação Wilde Ganzen)

EDIÇÃO

Laura Zuidema (Fundação Wilde Ganzen)

Lina Makrini (Fundação Wilde Ganzen)

REVISÃO

Luana Nascimento de Almeida

DESIGN E IDENTIDADE VISUAL

Liliana Salazar (Trampolín Digital)

FOTOGRAFIAS E ELEMENTOS VISUAIS

Parceiras/os Nacionais e Participantes do Virando o Jogo

Coordenadoras/es Regionais

Arquivo dos últimos 10 anos

PUBLICAÇÃO

Change the Game Academy

www.changethegameacademy.org

DATA DE PUBLICAÇÃO

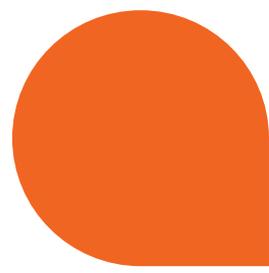
Dezembro de 2025

LICENÇA

Esta publicação está licenciada sob uma Licença Creative Commons

Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

Você pode compartilhar e adaptar este material para fins não comerciais, desde que dê os devidos créditos e distribua suas contribuições sob a mesma licença.



Índice

10 anos do VIRANDO O JOGO: uma jornada de transformação	3 - 6
O programa	7 - 11

AMÉRICA LATINA 12

Quando o sistema falha, a gente se reconstrói	13 - 15
Um território de esperança: Como Puno está protegendo a água, a biodiversidade e a sabedoria ancestral	15 - 18
Quando o ônibus não vem, os jovens assumem o volante	19 - 20

ÁFRICA OCIDENTAL E AUSTRAL 21

Mais fortes que a tempestade: o exemplo da Cruz Vermelha da Gâmbia	22 - 23
Ctrl + Alt + Mobilizar	24 - 25
Onde o povo contrói, a educação floresce	26 - 27
Códigos e coragem: a comunidade que programou seu próprio futuro	28 - 29

ÁFRICA ORIENTAL 30

Reabastecendo a vida em Sebeta	31 - 32
<i>Gifted Community Center</i> ressignifica narrativas sobre deficiência	33 - 34
Cuidar do coração, cuidar da gente: A luta por saúde próxima de quem precisa	35 - 36
Tramas da esperança: a força de um povo que resiste	37 - 38

ÁSIA 39

Ela planta, ela colhe: a força das mulheres rurais na Índia	40 - 41
Mais que futebol: a Copa Solidária promove inclusão	42 - 43
Como se tornar uma campeã do desenvolvimento sustentável?	44 - 45
Cuidar da terra, cuidar da gente: A revolução silenciosa do Camboja rural	46 - 47
Saúde acessível começa na vizinhança	48 - 49
Quem move o mundo? Essas mulheres	50 - 51
Quebrando tabus	52 - 53



Era uma vez... uma outra forma de construir mudanças.

Ela não começou com grandes orçamentos ou campanhas de impacto.

Começou com uma pergunta: E se as comunidades pudessem financiar os próprios sonhos? E se, em vez de depender de ajuda externa, organizações locais tivessem as habilidades, ferramentas e confiança para mobilizar recursos e envolver suas comunidades em ações transformadoras e sustentáveis?

Em 2005, a Fundação *Wilde Ganzen*, na Holanda, ousou imaginar esse futuro. Com o apoio do Ministério das Relações Exteriores da Holanda e de organizações parceiras na Índia, Brasil, África do Sul e Quênia, nasceu o programa Ação para Crianças (ApC): uma iniciativa pioneira que mudou o foco: de doação para fortalecimento das habilidades de mobilização de recursos no Sul Global.

Não foi fácil. Houve dúvidas, resistências... Mas aos poucos, algo começou a mudar: uma nova mentalidade se firmava, com base na autonomia e na transformação possível por meio da mobilização de recursos locais.

UM NOVO CAPÍTULO: NASCE O VIRANDO O JOGO

Após alguns anos de grandes aprendizados e resultados, o programa ApC chegou a um ponto de virada, quando o financiamento internacional foi encerrado. Mas, em vez de encerrar o programa, os/as parceiros/as decidiram evoluir. Com base em tudo o que aprenderam, lançaram o Virando o Jogo.

O que começou como uma resposta à falta de financiamento se transformou em um movimento global, fundamentado na crença de que toda comunidade pode mudar as regras do jogo do desenvolvimento quando tem acesso às ferramentas certas.



DE PROJETO PILOTO À PLATAFORMA GLOBAL

Em 2016, o Virando o Jogo acolheu novas organizações parceiras na Etiópia e em Uganda. Em 2017, Burkina Faso tornou-se o primeiro país francófono a integrar a rede. Em 2018, chegaram os parceiros de Tanzânia, Gana, Sri Lanka, Camboja e Nepal, e a plataforma de cursos online foi lançada. A partir de 2022, Gâmbia, Indonésia e a Região Andina também se juntaram ao movimento.

Ano após ano, a rede se expandiu, mas a missão continuou a mesma: fortalecer a sociedade civil para mobilizar recursos locais e apoio para aquilo que realmente importa.

MAIS DO QUE UM PROGRAMA: UM MOVIMENTO

Nos últimos 10 anos, o Virando o Jogo formou mais de 4 mil organizações, apoiou mais de 200 formadoras/es locais, e chegou a 16 países da América Latina, África e Ásia.

Por meio de formações presenciais, mentorias e uma plataforma online acessível em cinco idiomas, vimos o que acontece quando as comunidades assumem a liderança: elas não apenas resistem, elas florescem.

Mais do que os números, o que importa é o que eles representam: jovens lideranças, mulheres do campo, ativistas, mães, pais, professoras/es, agentes de saúde — todas essas pessoas assumindo o protagonismo do desenvolvimento em seus próprios territórios.

ESTE LIVRO É PARA ELAS/ES

Aqui, você vai encontrar histórias de pessoas que não esperaram pela mudança: elas fizeram acontecer.

Com coragem, criatividade e apoio coletivo. Desde mobilizações pelo transporte público no Brasil até a proteção da água e da biodiversidade no Peru. De escolas em Gana a clínicas de saúde na Indonésia. De shows para mobilização de recursos a ações de incidência política; essas histórias mostram o que é possível quando as regras do jogo realmente mudam.

E ISSO É SÓ O COMEÇO

Ao olhar para a próxima década, o Virando o Jogo segue firme em uma convicção central: A mudança sustentável começa com o pertencimento local. Quando investimos em pessoas — e não apenas em projetos —, construímos movimentos que duram.

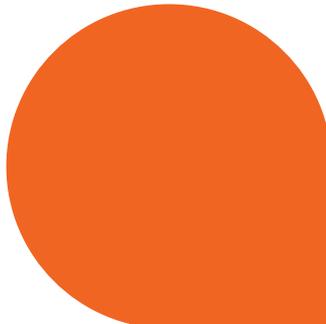
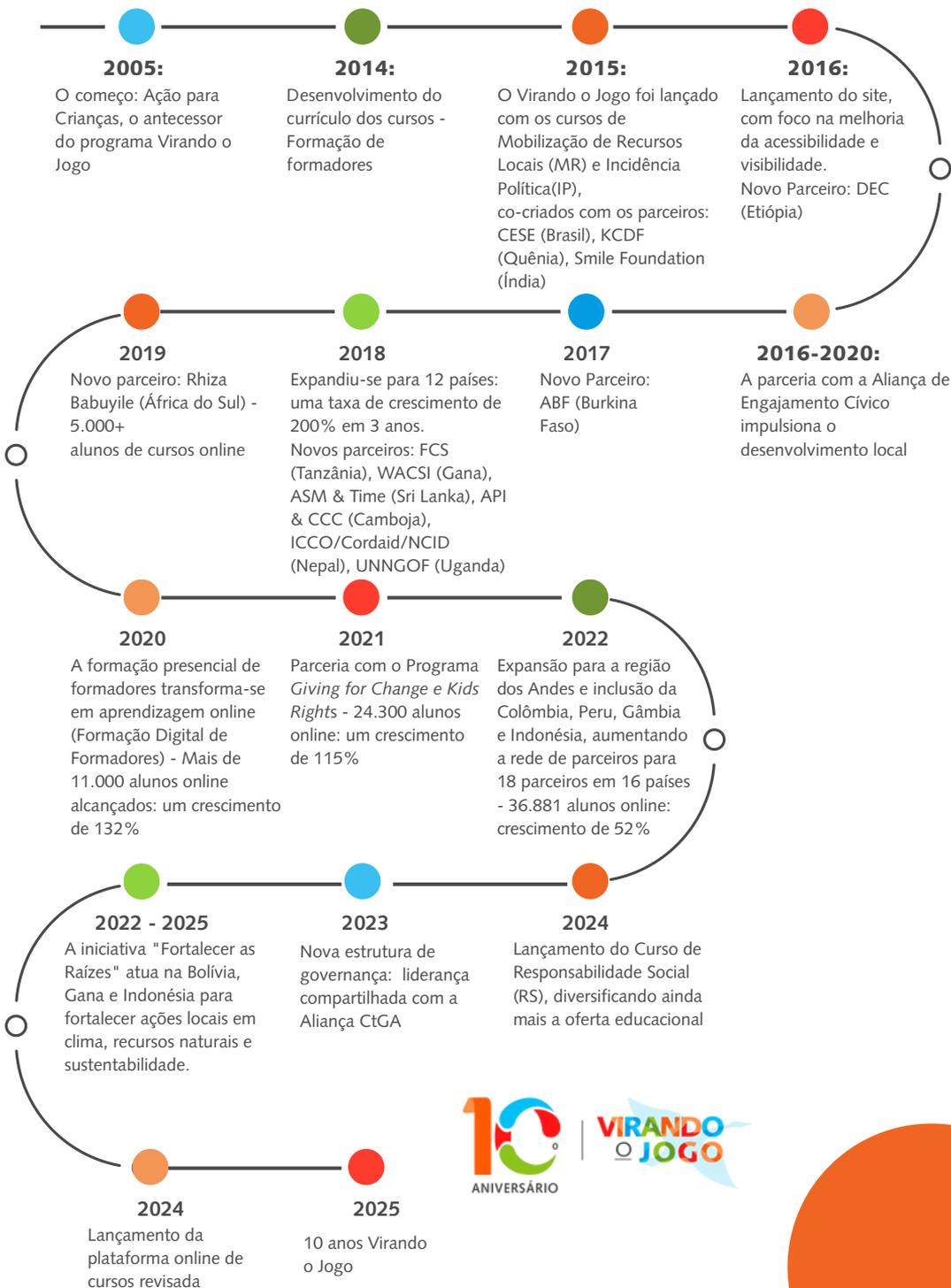
A todas as pessoas que fizeram parte dessa jornada: nosso muito obrigada/o!

E para quem está chegando agora: bem-vindas/os. O jogo mudou. E a gente está só começando.



10 Anos de Impacto:

Celebrando a trajetória do Virando o Jogo





Programa Virando o Jogo: Aprenda a mobilizar recursos locais e fazer incidência política

NOSSA METODOLOGIA

Em muitos países de baixa e média renda, as organizações da sociedade civil ainda dependem de recursos internacionais para sustentar suas ações. Essa dependência pode limitar sua autonomia e dificultar que atuem a partir das reais necessidades das comunidades. O Virando o Jogo existe para fortalecer a independência e o protagonismo local.

Acreditamos que, quando as pessoas e organizações que lutam por mudanças tem acesso a conhecimento, ferramentas e espaços de troca, tornam-se mais fortes, autônomos/as e enraizados/as em seu território. Assim, as organizações ganham legitimidade, ampliam sua voz e conseguem mobilizar pessoas e recursos para transformar suas realidades e cobrar compromissos de governos e instituições.

Tudo isso se concretiza por meio dos cursos e formações da CtGA em Mobilização de Recursos Locais, Incidência Política e Responsabilidade Social.

COMO FUNCIONA

No programa Virando o Jogo, os movimentos sociais e comunidades podem encontrar diversas maneiras de fortalecer a si mesmas e a suas equipes:

- Inscrevendo-se em uma formação presencial, combinado com acompanhamento individual. Os materiais de treinamento são contextualizados para cada país e ministrados por instrutores/as locais certificados/as.
- Participando de cursos online com aulas ao vivo, combinadas com mentoria, organizados de acordo com a demanda.
- Adquirindo conhecimento, habilidades e inspiração através da plataforma de aprendizagem online gratuita, escolhendo entre dois cursos completos sobre mobilização de recursos locais e incidência política
- Inspirandose em nossa biblioteca com mais de 300 estudos de caso reais, enviados por ex-participantes, que oferecem dicas, ferramentas e inspiração.



PRESENÇA GLOBAL:



Formações presenciais realizadas em mais de **30 países, incluindo territórios como Zâmbia, Benim, Mali, Bolívia e Palestina.**

Países alcançados: Brasil, Bangladesh, Benin, Bolívia, Burkina Faso, Camboja, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Guatemala, Etiópia, Gana, Índia, Indonésia, Quênia, Mali, Moçambique, Nepal, Nigéria, Palestina, Paraguai, Peru, África do Sul, Sri Lanka, Tanzânia, Gâmbia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue, Serra Leoa.



“ DEPOIMENTOS DE PARCEIRAS/OS



“O Virando o Jogo representa o espírito do Ubuntu — ‘Eu sou porque nós somos’. Empoderar de verdade é compartilhar saberes, ferramentas e recursos para que cada pessoa e organização possa gerar mudanças duradouras em seu território. Quando fortalecemos alguém, todas/os avançamos juntos/as.

A parte mais gratificante do meu trabalho é ver esse efeito multiplicador, quando uma organização fortalecida passa a impulsionar tantas outras. Fazer parte do Virando o Jogo como formadora é fazer parte de um movimento global comprometido com impacto sustentável, colaboração e sucesso coletivo. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa rede e de celebrar 10 anos de transformação.”

Fatou Touray, Formadora, Casa Gâmbia (Gâmbia)



“

“O Virando o Jogo está transformando a forma como a sociedade civil atua. Está impulsionando um movimento global de organizações locais que se tornam mais autônomas, enraizadas em seus territórios e capazes de promover mudanças sustentáveis de longo prazo, a partir das suas próprias realidades. Através da nossa colaboração, especialmente na oferta de formações em mobilização de recursos locais para participantes de diversas regiões, conseguimos fortalecer a resiliência e a autonomia de organizações de base — o que está diretamente alinhado à missão da GNDR de amplificar vozes locais na redução de riscos de desastres e garantir que as decisões sejam tomadas com base nas realidades locais.”

Aminata Some, Coordenadora de Engajamento da Rede Global de Organizações da Sociedade Civil para Redução de Riscos de Desastres (GNDR)

NÚMEROS DA FORMAÇÃO: 4000+ organizações

locais participaram das formações (4043 no total)



300 formadores/as certificados/as, sendo **150 em atividade**, com **fluência em mais de 20 idiomas**, acompanhadas por **15 mestres/as formadores/as**.

IMPACTO DO TREINAMENTO ONLINE:

App em 4 idiomas, 20 módulos

80 horas de conteúdo gratuito em 5 línguas.



53.917 participantes



beneficiados/as por cursos online de Mobilização de Recursos Locais (48h) e Incidência Política (32h).



VIRANDO O JOGO

CONQUISTAS E PARCERIAS

300 formadores/as certificados/as



- Foram realizadas **319 formações presenciais**, incluindo **183** formações de **Mobilização de Recursos Locais**, **122** formações de **Incidência Política**, **11** formações **híbridas** (MR, IP, RS) e **três (03)** formações em **Responsabilidade Social**. Além disso, também realizamos **16** sessões de **Formação de Formadores/as** (ToT).



- Ao longo dessa trajetória, foi construída uma forte base de conhecimento local, com formadores/as **impulsionando iniciativas conduzidas pelas próprias comunidades**.



- Atuamos em parceria com redes e programas globais, como a *Civic Engagement Alliance* e o *Giving for Change*



- Também colaboramos com organizações internacionais e fundações como *Misereor*, *Bread for the World*, *KidsRights*, *Save the Children*, *GNDR*, *Light for the World*, *Terre des Hommes*, o Ministério das Relações Exteriores da Holanda, entre outras.

Material de apoio:

56 caixas de ferramentas
140+ exemplos locais inspiradores



52.568 seguidores/as no Facebook
4619 seguidores/as no Instagram
2951 seguidores/as no LinkedIn
53.917 alunos/as online

POR QUE O PROGRAMA EXISTE?



Para OSCs:

- Financiamento mais diverso e autônomo
- Menor dependência de recursos estrangeiros
- Maior legitimidade e fortalecimento das vozes locais



Para as comunidades:

- Aumento da autonomia local e protagonismo coletivo
- Mais recursos disponíveis para mudanças estruturais de baixo para cima



Cada Contexto Pede uma Resposta: Conheça os Desafios Sociais Prioritários

Os desafios sociais são diferentes em cada país, cada território, cada comunidade. Por isso, são as lideranças locais — as pessoas que vivem e atuam nos contextos mais afetados — que estão em melhores condições para definir soluções relevantes e eficazes. Apesar de alguns avanços, ainda existem questões urgentes que precisam ser enfrentadas. Abaixo estão alguns dos principais desafios nos quais as/os ativistas e lideranças comunitárias atuam diariamente:

Saúde



O acesso à saúde de qualidade ainda é um grande desafio em muitos lugares, especialmente em áreas remotas ou afetadas por conflitos. A dificuldade está na longa distância até os centros de saúde, escassez de profissionais e insumos, ausência de prevenção e diagnóstico precoce de doenças.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), pelo menos metade da população mundial não tem acesso a serviços básicos de saúde, e mais de 100 milhões de pessoas são empurradas para a pobreza extrema a cada ano por causa de gastos médicos diretos. Em alguns países, a saúde pública é universal. Em outros, os sistemas são subfinanciados, obrigando as pessoas a recorrerem a serviços privados caros.

Educação



Ir à escola ainda não é uma realidade garantida para todas as pessoas; especialmente para meninas, jovens e grupos historicamente marginalizados. Muitos sistemas educacionais enfrentam salas superlotadas, currículos desatualizados e falta de recursos. Além disso, a escassez de formação técnica e profissional dificulta a entrada digna de jovens no mercado do trabalho.



Inclusão



A inclusão e a equidade são princípios que ainda precisam ser defendidos, fortalecidos e colocados em prática em todos os cantos do mundo. Pessoas com deficiência, juventudes, povos indígenas, populações LGBTQIA+ e comunidades religiosas ou minorias culturais enfrentam barreiras que vão desde leis discriminatórias até a falta de acesso a serviços públicos, transporte seguro, educação e oportunidades econômicas.

Clima e biodiversidade



A crise climática avança com rapidez. O aumento das temperaturas e os eventos extremos, como enchentes e secas, impactam sobretudo comunidades já vulnerabilizadas. Países de baixa renda enfrentam enormes dificuldades para lidar com os impactos ambientais e garantir políticas de adaptação e mitigação justas e eficazes.

Gênero



Apesar de avanços importantes — como a maior presença de mulheres em espaços de decisão e a ampliação do acesso à educação —, ainda há regiões em que políticas retrógradas e práticas culturais limitam a liberdade, a autonomia e os direitos das mulheres e de pessoas com identidades de gênero diversas.

Água e Saneamento



Garantir o acesso igualitário à água potável e ao saneamento básico ainda é um enorme desafio, sobretudo em contextos de crise e em comunidades marginalizadas. Estima-se que cerca de 2 bilhões de pessoas no mundo não tenham acesso à água potável segura, e mais de 4,5 bilhões vivam sem instalações adequadas de saneamento.



10
ANIVERSÁRIO

VIRANDO
O JOGO

10
ANIVERSÁRIO

VIRANDO
O JOGO



REGIÃO:
**AMÉRICA
LATINA**

COLÔMBIA
PERU
BRASIL



Quando o Sistema Falha, a Gente se Reconstrói

Como a *Fundación PT* está transformando ação local em mudança duradoura em Bogotá

O bairro de Patio Bonito é um lugar onde a resiliência floresce em meio aos contrastes. Nesse território de Bogotá, convivem desafios sociais como o deslocamento forçado, a pobreza e uma população migrante em crescimento. Em meio às dificuldades, a esperança pode facilmente se apagar. Mas este também é um espaço repleto de diversidade, força comunitária e vontade coletiva de seguir em frente. O que mais se destaca é a potência das pessoas que ali vivem: comunidades organizadas, juventudes engajadas e um desejo conjunto de transformar a realidade. Há quase 40 anos, uma organização caminha lado a lado com essas populações, mostrando que a mudança é possível — quando nasce de dentro.

Uma missão que resiste

Fundada em 1986, a *Fundación PT* (Participación, Pedagogía, Productividad) atua com crianças, adolescentes, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade. Mas o chão sob seus pés mudou: com a redução dos financiamentos internacionais, a organização se viu diante de uma pergunta urgente: como manter viva sua missão, quando os recursos se esgotam? A resposta foi transformar: não apenas a forma de financiar as ações, mas também a maneira de entender o próprio papel dentro da comunidade.

De dependência à autonomia coletiva

Essa transformação começou quando cinco mulheres da equipe da *Fundación PT* participaram de uma formação de nove meses com o programa *Virando o Jogo*. Elas não só aprenderam a elaborar melhores propostas ou atrair novas parcerias, como também a equipe passou a sonhar mais alto, e agir com mais estratégia, deixando de ver a mobilização de recursos como algo externo e incorporando esta prática à cultura organizacional.

“Antes, parecia um peso que recaía sobre uma ou duas pessoas. Agora, é uma responsabilidade compartilhada. A formação ampliou nosso ponto de vista, e começamos a ver aliados/as em todos os cantos, até onde nunca tínhamos procurado”, conta Luz Stella Talero, diretora da Fundación PT.

Com esse novo olhar, a equipe da *Fundación PT* começou a buscar editais municipais e a construir projetos em diálogo com a comunidade, de forma alinhada às suas prioridades. Como resultado, conquistaram dois financiamentos voltados para ações ambientais e fortalecimento da integração social.

Integrantes da organização passaram também a valorizar mais sua longa trajetória no território e os impactos gerados ao longo dos anos. Isso aumentou o interesse sobre a atuação da Fundação, que ganhou visibilidade. Como consequência, foram convidadas/os a participar de um prêmio organizado pela Prefeitura de Bogotá; e receberam o Prêmio da Infância 2024, na categoria organização comunitária.

Pequenas conquistas, impactos reais

A equipe aplicou os aprendizados com determinação: enviaram propostas conjuntas com outras organizações sociais, em âmbito nacional e internacional. Das 21 propostas apresentadas, 7 foram aprovadas (4 nacionais e 3 internacionais), e outras 3 seguem em análise. Esses números não são apenas estatísticas: cada proposta aprovada significou continuidade das ações, mais famílias atendidas e mais vidas transformadas. Ao mesmo tempo, a equipe fortaleceu vínculos com instituições públicas e com a sociedade civil, ampliando sua rede de apoio e aprofundando suas raízes no território.





A transformação começa de dentro pra fora

A mudança mais profunda não foi externa — foi interna. A *Fundación PT* descobriu que sua ferramenta mais poderosa não era o financiamento, mas a confiança na própria capacidade. A formação não entregou uma solução pronta; entregou ferramentas. E a equipe construiu o resto

“Aprendemos que sustentabilidade não é só sobre dinheiro. É sobre pessoas. Sobre vínculos. Sobre a decisão de fazer diferente”, diz Luz.

Hoje, Patio Bonito segue sendo um território de enormes desafios. Mas também é um espaço onde nascem novas possibilidades. Famílias têm mais acesso a formações, redes de apoio e recursos para reconstruir seus caminhos. Mesmo em contextos de grande adversidade, a mudança pode começar com a decisão de agir de outro jeito. A *Fundación PT* é prova viva disso: quando quem está no território acredita na própria força, a transformação acontece. Não vem de cima. Mas das salas de aula, das cozinhas, das calçadas — e da coragem de seguir, juntos/as.

Um Território de Esperança: Como Puno Está Protegendo a Água, a Biodiversidade e os Saberes Ancestrais

Nas alturas da Cordilheira dos Andes peruanos, onde o céu encontra as montanhas nevadas e as pessoas vivem em profunda conexão com a terra, um movimento silencioso, mas poderoso, está ganhando força. Desde o início de 2022, a *Mesa Multiactor del Paisaje Puno* — uma plataforma multissetorial — se consolidou como um espaço de articulação entre comunidades, cooperativas, agricultores/as e instituições para proteger o que realmente importa: a água, a biodiversidade e a identidade cultural.

Quando a água desaparece, as tradições também somem

Em Puno, a crise climática não se apresenta de forma estrondosa — ela é lenta e implacável. A cada ano, as chuvas chegam mais tarde ou nem chegam. As culturas nativas enfrentam dificuldades, nascentes secam e geadas severas destroem o pouco que resta. A cada safra perdida, mais famílias enviam suas crianças para as cidades — e com elas, parte do conhecimento ancestral vai se apagando. Mas quem permanece fez uma escolha: se organizar, proteger e agir — juntos/as.



Enraizada na tradição, com liderança comunitária

A *Mesa Multiactor* nasceu da consciência coletiva de que enfrentar a crise climática exige soluções coletivas. Com coordenação do *Centro de Capacitación Campesina* (CCCP) e apoio do Programa Virando o Jogo e do Programa de Pequenos Projetos do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), a plataforma trabalha com três estratégias principais: Incidência política para fortalecer o investimento público na gestão sustentável da água; Projetos de biodiversidade liderados por comunidades, para recuperar espécies nativas e práticas agrícolas tradicionais; Fortalecimento do protagonismo e do poder de decisão das mulheres, colocando-as no centro da governança territorial.



“Essa formação e o apoio do PNUD foram muito transformadores. Como mulheres líderes, hoje conseguimos formular propostas que realmente respondem às necessidades das nossas comunidades. As ferramentas nos ajudaram a focar, priorizar e agir com propósito”, compartilhou Ayde Quispe Meneses, participante da Mesa.

Transformações visíveis, raízes profundas

Os impactos já são percebidos. Por meio da mobilização conjunta, a Mesa contribuiu para a aprovação de uma política pública que protege 10 mil hectares de agrobiodiversidade na província de Lampa. Ainda mais significativo, um investimento público de US\$3,9 milhões de dólares foi aprovado para ampliar sistemas de irrigação e preservar a biodiversidade em 12 comunidades.

Enquanto isso, a resiliência econômica também cresceu: onze grupos de artesanato criaram 56 novos produtos com base em bioinsumos, registraram cinco marcas coletivas e venderam suas criações online, gerando mais de US\$8.500 dólares em renda.

Mas talvez a mudança mais poderosa tenha acontecido no campo da equidade de gênero — um sinal importante de transformação em uma região ainda marcada por fortes normas patriarcais. Das pessoas participantes das atividades da Mesa, 59% eram mulheres, incluindo nos espaços de liderança. Além disso, 57% das pessoas beneficiadas pelos projetos comunitários também eram mulheres, muitas delas tendo acesso, pela primeira vez, a formações e oportunidades de geração de renda.



As ferramentas foram compartilhadas: o caminho, elas e eles construíram

O programa Virando o Jogo não levou respostas prontas: ofereceu ferramentas. E as comunidades de Puno — com a orientação do CCCP — transformaram essas ferramentas em visão, estrutura e autonomia.

Em pouco tempo, a *Mesa Multiactor del Paisaje Puno* se tornou uma referência de governança participativa e sustentável. Sua experiência já inspira iniciativas semelhantes em outras regiões.

Em Puno, as pessoas sabem que defender a terra é também defender a identidade. O futuro não se constrói negando o passado, mas honrando-o. E mesmo quando a chuva some, a esperança ainda pode brotar quando as comunidades se levantam juntas.

Quando o ônibus não vem, jovens assumem o volante

Imagine não poder ir a uma consulta médica, chegar com atraso ao seu turno de trabalho, ou até mesmo perder uma prova. Essa era a experiência cotidiana de jovens de São José da Mata (Paraíba), Brasil. Mas, então, a AJURCC entrou em cena, transformando a frustração em ação e dando à juventude de São José da Mata uma voz para reivindicar seu direito a um transporte público confiável.

Retidos no caminho

A comunidade de São José da Mata, uma cidade de cerca de 20.000 habitantes, em Campina Grande, Paraíba, tem enfrentado problemas com o transporte público desde março de 2020. Os ônibus circulavam de forma irregular, às vezes com esperas de uma hora, e paravam de circular a partir das 19 horas. Aos domingos e feriados, não havia ônibus. Estudantes tiveram dificuldades para garantir o direito à meia passagem, e os limites de integração entre linhas restringiam o acesso ao centro da cidade.

Essa falta de transporte não dificultava apenas a vida cotidiana: ela impedia o acesso a empregos, assistência médica, educação, serviços bancários e lazer. Para muitos, isso aprofundou o desemprego, isolou as pessoas mais vulnerabilizadas e prejudicou seu direito básico de circular livremente em sua própria cidade.

Jovens no banco do motorista

Quando o transporte público entrou em crise, foi um grupo jovem e apaixonado que se mobilizou para conduzir a mudança. A AJURCC (Associação de Juventudes, Cultura e Cidadania) é uma organização sem fins lucrativos fundada em 2004 com a missão de fortalecer jovens por meio da formação cultural e política. Diferentemente de muitos grupos de juventudes, a AJURCC é formada principalmente por jovens, em sua maioria negra, empobrecidos/as, com menos de 29 anos de idade, com uma equipe de liderança que valoriza a igualdade de gênero. Seu foco é bem definido: estimular o protagonismo e a participação de jovens na formulação de políticas públicas que apoiem as comunidades vulnerabilizadas dos bairros periféricos.



Da formação à ação

Mais de 35 jovens lideranças de São José da Mata e de outros cinco bairros participaram do curso de incidência política da Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE, aprendendo a mobilizar sua comunidade e pressionar por mudanças reais. Durante a formação, eles/as identificaram o transporte como um problema importante e criaram um grupo de trabalho com 12 pessoas, que elaboraram uma estratégia para solucionar o problema. O resultado? O projeto "Jovens pelo Direito à Cidade e a Defesa do Transporte Público de Qualidade". Essa campanha reuniu grupos de jovens, mulheres e trabalhadores/as em um esforço coletivo para reivindicar seu direito a um transporte público confiável.



Levando a campanha às ruas - e vencendo

A mobilização tomou as ruas de verdade. A juventude organizou petições on-line e em pontos-chave, como praças comunitárias e escolas, reunindo a comunidade em torno de uma demanda clara: que o poder público agisse imediatamente. Também promoveram audiências públicas e um seminário com lideranças sociais e autoridades de trânsito para debater o transporte público e o direito à cidade. A persistência deu resultado. O transporte público voltou a circular nos fins de semana e no período noturno em São José da Mata e Campina Grande. Além disso, as restrições aos passes estudantis foram suspensas, facilitando o deslocamento de jovens e pessoas vulnerabilizadas.

10
ANIVERSÁRIO

VIRANDO
O JOGO



REGIÃO:

ÁFRICA
OCIDENTAL
E AUSTRAL

GÂMBIA
GANA
BURKINA FASO
ÁFRICA DO SUL



Mais fortes que a tempestade: o exemplo da Cruz Vermelha de Gâmbia

Na Gâmbia, quando começa a temporada de chuvas, não é só a água que chega. Vêm também os riscos de enchentes, doenças e destruição. Mas, no distrito de *Kombo North*, uma das áreas mais vulneráveis e próximas do nível do mar, um grupo de voluntárias/os da Cruz Vermelha decidiu que suas comunidades não seriam levadas pela correnteza.

Nem as enchentes nos param

Assim como grande parte da África Ocidental, a Gâmbia está na linha de frente da crise climática. A cada nova estação de chuvas, as enchentes ficam mais intensas: famílias são desalojadas, casas destruídas, e os serviços de saúde — que já operam com recursos escassos — ficam ainda mais sobrecarregados. Em apenas três décadas, a frequência e a gravidade das enchentes na região aumentaram 80%.

Diante desse cenário, a força que resiste é a do Comitê da Cruz Vermelha de *Kombo North*, parte da Sociedade da Cruz Vermelha da Gâmbia. Formado por voluntárias/os locais, esse coletivo não recua, faça chuva ou faça sol. “É a paixão por ajudar que nos mantém firmes”, afirma Awa Touray, coordenadora de desastres e uma das lideranças do grupo. Para Awa e suas/seus companheiras/os, isso não é um trabalho: é uma missão de vida.

Da paixão à ação concreta

Mas vontade de ajudar, por si só, não impede a enchente. Para formar voluntárias/os, organizar ações emergenciais e responder de forma eficaz aos desastres, são necessários recursos. E diferente das grandes ONGs internacionais, a Cruz Vermelha local atua de forma comunitária, desde a base.

Foi aí que a criatividade entrou em campo: rodas de conversa, apresentações culturais, carnavais de rua: o grupo transformou eventos locais em espaços de mobilização de pessoas e recursos. Em 2025, a equipe já realizou uma agenda cheia de iniciativas lideradas pela comunidade: vendas de comida nas escolas, shows de talentos, noites culturais e torneios de futebol entre grupos de juventude. Além de divertidas, essas ações financiam kits de primeiros socorros, treinamentos e equipamentos essenciais para desastres. Mas os desafios persistem. “A época das chuvas é a mais difícil”, conta Awa. “Faltam bombas de drenagem e equipamentos de proteção. Mesmo assim, as/os voluntárias/os continuam. Muitos equilibram os estudos ou pequenos trabalhos com o voluntariado.”





Fortalecer habilidades, fortalecer vínculos

Buscando aprimorar suas estratégias, o grupo participou de uma formação em Mobilização de Recursos Locais oferecida pela Casa Gâmbia, em parceria com o Virando o Jogo. A formação trouxe ferramentas práticas: mapeamento de pessoas e instituições parceiras, identificação de doadores/as, planejamento estratégico de eventos, dentre outras.

“Foi exatamente a estrutura que estávamos precisando”, diz Awa. “Agora conseguimos planejar eventos que mobilizam recursos e ainda fortalecem nossa atuação.” Um dos resultados foi a realização de um acampamento de 10 dias para a formação, totalmente apoiada com recursos locais. A atividade envolveu 250 participantes com refeições, transporte e materiais, e os deixou mais preparados/os para lidar com emergências. *“Foi um momento de união e aprendizado coletivo. A gente se deu conta da força que temos quando estamos juntas/os.”*

Uma mobilização que só cresce

O próximo passo já está em curso: o Comitê de *Kombo North* será responsável por organizar a celebração do Dia Mundial da Cruz Vermelha para toda a Região da Costa Oeste, reunindo centenas de voluntárias/os de nove distritos.

Mais do que uma comemoração, será um lembrete poderoso: quando as comunidades se organizam e se fortalecem mutuamente, elas não apenas reagem a desastres — elas podem preveni-los. Como disse uma das voluntárias:

“Nem sempre temos os equipamentos. Mas temos umas às outras, uns aos outros. E é isso que faz a diferença quando as águas sobem.”





Ctrl + Alt + Mobilizar

Em Gana, onde o futuro digital brilha como promessa de ouro, o governo tem uma meta ousada: transformar o país em uma economia de alta renda baseada no conhecimento, por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Mas, para a Escola *Billa Mahmud Memorial Future Leaders*, em Accra, esse sonho parecia, por muito tempo, distante da realidade.

Erro no sistema

Para mais de 300 estudantes de bairros periféricos e com poucos recursos em Accra, aprender informática não é apenas mais uma disciplina: é uma ponte para o futuro. Mas, apesar da urgência, a falta de equipamentos e computadores quebrados dificultava o caminho. A diretora da escola, Mabel Akpor, sentia essa realidade todos os dias: *“Nosso foco são crianças das comunidades mais vulneráveis de Accra. Seus/Suas responsáveis mal conseguem pagar as mensalidades básicas, então não há recursos para consertar o laboratório.”*

Mesmo com uma política nacional que defende a inclusão digital, a escola não tinha como garantir o mínimo para o ensino. As tentativas locais de mobilização de recursos não deram certo... Quando tudo parecia perdido, a equipe conheceu o Virando o Jogo.

De moeda em moeda

Em 2022, a escola participou de uma formação sobre mobilização de recursos locais. A partir dali, tudo mudou. Com novas estratégias e fôlego renovado, iniciaram um plano de mobilização de recursos comunitários, utilizando o canal da Associação de Mães, Pais e Responsáveis. Começaram com o que tinham: uma comunidade unida, conexões locais fortes e um sonho coletivo.

Em cinco meses, arrecadaram 2.000 Cedis ganeses (cerca de 129 dólares). Ainda não era o suficiente para reformar o laboratório por completo, mas o mais importante ficou evidente: a comunidade acreditava no projeto. Essa mobilização chamou a atenção do parceiro ganês, o *West Africa Civil Society Institute* (WACSI), que contribuiu com mais 10.000 Cedis ganeses (cerca de 645 dólares), fortalecendo ainda mais a ação.

Um laboratório renovado

Com 12.000 Cedis (cerca de 775 dólares) em mãos, a Escola *Billa Mahmud* deu início à transformação. O antigo laboratório de informática ganhou vida nova. Os computadores quebrados foram substituídos, e em pouco tempo o espaço se encheu de energia e esperança. “Estamos felizes com os novos computadores, porque agora teremos experiência prática para complementar o que aprendemos em sala de aula”, compartilha a estudante Priscilla Maamah, com os olhos brilhando de entusiasmo.

Mais de 300 crianças agora têm acesso regular a ferramentas digitais, aprendendo com a tecnologia, e não apenas sobre ela. Esse caminho mostrou que a escola não precisava esperar ajuda externa para começar. Tudo o que era necessário já estava ali: a comunidade, sua voz e uma história que merecia ser contada.

Um impulso para a geração Z

A formação do Virando o Jogo não trouxe os recursos diretamente: ela trouxe as ferramentas para conquistá-los. “*O trabalho ainda não terminou*”, diz Adjei Erasmus, professor de informática da escola. “*Seguiremos em frente, fortalecendo a arrecadação local para apoiar esses estudantes e as futuras lideranças digitais.*”

Essa escola, pequena no mapa de Accra, já deu um passo enorme. Não esperou pela mudança — ela mesma foi o motor da transformação.



Onde o Povo Constrói, a Educação Floresce

Na região de *Hauts Bassins*, em Burkina Faso, a comunidade do vilarejo de *Sidi B* sonhava com uma escola para suas crianças. Mas a superlotação das salas de aula e a falta de recursos tornavam esse sonho cada vez mais distante. Era urgente mudar a realidade — sem isso, as crianças corriam o risco de ficar para trás, tanto na educação quanto na vida.



Mãos à obra

Moradoras e moradores do vilarejo sabiam que a solução não viria de fora: era preciso agir por conta própria. E foi aí que a transformação começou. A história tem início com a *L'Association pour les Petits Projets Africains* (APPA), uma organização sem fins lucrativos com sede em *Bobo-Dioulasso*, cidade próxima a *Uagadugu*. Criada em 2015, a APPA se tornou referência no apoio a comunidades rurais para que liderem seus próprios processos de desenvolvimento.

Ao conhecerem o curso de Mobilização de Recursos Locais do Virando o Jogo, enxergaram ali uma oportunidade não só de construir uma escola, mas de fortalecer a mobilização. Com um novo fôlego e as ferramentas certas, a APPA ajudou a mobilizar a comunidade de *Sidi B*. Os homens trabalharam pesado na construção e as mulheres foram responsáveis por algo fundamental: garantir o fornecimento de água no canteiro de obras. Todo mundo colaborou — cada um/a à sua maneira — e, juntos/as, construíram o que ninguém conseguiria fazer sozinho/a: uma escola comunitária.

Efeito multiplicador

Em 2021, o plano saiu do papel. O objetivo era construir três novas salas de aula para a escola de *Sidi B*. Mas não era apenas sobre levantar paredes, era sobre criar senso de pertencimento, responsabilidade coletiva e fortalecimento comunitário. Gente de todas as idades se envolveu: homens, mulheres, jovens e mais velhos/as colocaram a mão na massa. Dez homens trabalhavam diariamente na construção, enquanto as mulheres se revezavam no fornecimento de água.

Cada pessoa entendia que aquele futuro também era seu. “A gente não construiu só salas de aula. A gente construiu uma comunidade”, conta Odile Téri Sawadogo, uma das lideranças do projeto.

Com doações em espécie de parceiros/as locais, venda de produtos processados e apoio financeiro de organizações externas, conseguiram levantar os recursos necessários. Mas o maior sucesso foi outro: foi a comunidade quem fez acontecer. Ninguém ficou esperando uma solução de fora. Construíram com as próprias mãos; de forma prática, afetiva e coletiva.

A metodologia da APPA, baseada no conceito de desenvolvimento endógeno (ou seja, aquele que nasce de dentro da própria comunidade), virou inspiração para outros territórios, e chamou a atenção até mesmo do governo nacional.

De uma sala para o mundo

O futuro de *Sidi B* é promissor, mas essa história está longe de acabar. A comunidade agora tem confiança, experiência e conhecimento para enfrentar desafios ainda maiores. O próximo passo? Garantir que todas as escolas da região — não apenas uma — tenham a estrutura e os recursos necessários para florescer em um mundo em constante transformação. E tudo começou com uma única sala de aula.





Lebohang Mashaila Former Student

Códigos e Coragem: a comunidade que programou seu próprio futuro

No sul da África, o acesso à tecnologia ainda é um desafio para muitas comunidades rurais. Para estudantes de *Malealea*, no *Lesoto*, essa realidade significa ficar para trás, num mundo cada vez mais moldado por habilidades digitais.

Em muitas escolas da região, não havia computadores, internet, nem meios para se conectar às oportunidades além da comunidade. Sem acesso à tecnologia, jovens enfrentavam grandes barreiras para se candidatar à universidade, escrever um currículo ou ampliar seus horizontes. Para educadoras e educadores, a falta de recursos dificultava acompanhar as exigências da educação atual. Segundo a Unesco, 463 milhões de crianças no mundo ainda não têm acesso ao aprendizado digital. A África Subsaariana é uma das regiões mais afetadas e, em locais como *Malealea*, o abismo entre sonhos e realidade só aumenta



Um laboratório, mil futuros

Quando a organização *Malealea Development Trust* (MDT) identificou esse desafio, sabia que algo precisava mudar. Khotso Au, coordenador de projetos na MDT, conta: *“Nos pediram para buscar financiamento para um projeto que já estava em andamento. Ao revisar o centro de informática que tínhamos, percebemos que precisávamos de muito mais apoio.”*

Mas a equipe não queria apenas soluções emergenciais, buscava transformação de longo prazo, com impacto duradouro. Foi então que participaram da formação em Mobilização de Recursos Locais oferecida pelo programa *Virando o Jogo*, com facilitação da *Rhiza Babuyile*. A formação trouxe ferramentas para comunicar sua causa com mais força e nitidez, e para mostrar suas necessidades de maneira estratégica.

Com esse novo conhecimento, a MDT conseguiu apoio da *Vodacom Lesotho Foundation*. O resultado? Um laboratório de informática alimentado por energia solar, beneficiando mais de mil estudantes de cinco escolas primárias e duas escolas secundárias.

Efeito dominó

O impacto do novo laboratório tem sido transformador. *“Esse espaço me permitiu pesquisar universidades fora do país e entender melhor os critérios de acesso”*, compartilha Lebohang Mashaila, ex-estudante. *“A gente agora tem acesso a informações que os livros não trazem. Isso facilita muito a lição de casa e torna o aprendizado mais interessante.”*

Mas o benefício não ficou só para as e os/as estudantes. A comunidade inteira passou a usar o laboratório. Empreendedoras/es e jovens da comunidade produzem currículos e se inscrevem em vagas online. Educadoras e educadores participam de oficinas para desenvolver habilidades digitais. *“Hoje, quase todo processo seletivo acontece online. Esse laboratório facilitou muito e reduziu nossos custos”*, relata Liteboho Rabolets, representante da juventude.

Apesar do sucesso, o caminho foi desafiador. A MDT é uma organização liderada por voluntárias e voluntários, e conciliar a busca por recursos com outras tarefas exigiu esforço e persistência. Mas valeu a pena. Agora, o objetivo é ampliar a infraestrutura digital para que todas as escolas da região tenham acesso às tecnologias necessárias para que estudantes prosperem em um mundo cada vez mais digital.

“A formação nos mostrou que o apoio pode vir de muitas formas, não apenas em dinheiro”, afirma Khotso Au. “Hoje sabemos que não podemos subestimar o poder da nossa própria comunidade.”

10°
ANIVERSÁRIO

VIRANDO
O JOGO



REGIÃO:

ÁFRICA
ORIENTAL

ETIÓPIA
QUÊNIA
TANZÂNIA
UGANDA



Reabastecendo a vida em Sebeta

Chala vive em Sebeta, na Etiópia. Um dia, enquanto cuidava do gado, avistou uma fruta pendurada em uma árvore espinhosa e tentou pegá-la. Nesse momento, um espinho atingiu seu olho, causando uma dor intensa. Chala voltou para casa, mas decidiu não contar ao tio, com quem morava. Com o tempo, a dor piorou e ele acabou sendo levado a uma clínica oftalmológica em uma cidade próxima. Após os exames, os médicos confirmaram uma notícia que mudaria sua vida: em 2016, ele perdeu a visão. Desde então, Chala encontrou esperança e oportunidade na *Sebeta School for Blind Children (SSBC)*, onde tem se desenvolvido desde os 10 anos.

A fonte que quase secou...

Há mais de 70 anos, a SSBC é um espaço de acolhimento e transformação para crianças com deficiência visual na Etiópia, oferecendo educação, moradia e cuidados essenciais. No entanto, desafios financeiros recorrentes comprometem a capacidade da escola em atender suas 246 crianças e jovens, enfrentando dificuldades para manter os dormitórios, a alimentação e os materiais pedagógicos.

Em 2021, durante a pandemia da COVID-19, uma crise grave ameaçou paralisar as atividades da escola: a bomba d'água, essencial para o fornecimento diário, parou de funcionar. Isso colocava em risco a higiene, a preparação de alimentos e o bem-estar de todas os/as beneficiários/as. Era urgente agir para evitar uma interrupção total das atividades da escola.

Virando o Jogo

O então diretor Berhanu Bobo e toda a comunidade escolar se recusaram a aceitar a crise como destino. Inspirados pela formação em mobilização de recursos locais do Virando o Jogo, organizada pela *Development Expertise Center* (DEC), a escola decidiu assumir o protagonismo da solução. “A formação nos deu as ferramentas e a confiança para encararmos de frente a crise da água”, conta Berhanu.

Com um plano estratégico, a SSBC deixou de depender apenas do orçamento anual do governo e passou a mobilizar estudantes, famílias e apoiadores/as para conseguir uma nova bomba. As próprias crianças se tornaram embaixadoras/es da causa, compartilhando suas histórias e tocando o coração de possíveis doadores/as. A escola também mapeou organizações locais e empresas que valorizam a educação inclusiva, aumentando suas chances de sucesso com uma abordagem mais direcionada.



Apoios que fazem a diferença

A SSBC entrou em contato com o *Awash Bank*, uma importante instituição financeira etíope. Com um projeto bem estruturado e relatos tocantes das crianças, a escola conseguiu uma doação de US\$6 mil dólares. Em poucos meses, a nova bomba foi instalada, restabelecendo o fornecimento de água. Esse avanço impulsionou ainda mais a mobilização. Aplicando o conceito de *pitch* (discurso de impacto rápido), a escola atraiu outras doações, como 30 bengalas no valor de US\$650 dólares, melhorando significativamente a autonomia das crianças.

A visibilidade aumentou com a cobertura da mídia, através da *Oromia Broadcasting Network*, o que resultou na doação de colchões, lençóis e cobertores avaliados em mais de US\$1.500 dólares. A primeira-dama da Etiópia, Sra. Zinash Tayachew, também contribuiu com 100 chapas de metal e pregos para a construção de um novo depósito. Pensando na sustentabilidade a longo prazo, a escola também criou uma horta comunitária. Além de fornecer alimentos frescos, a iniciativa promove a autonomia e o cuidado coletivo com o espaço escolar.

Para onde vamos

Assim como Chala encontrou esperança na SSBC, a própria escola mostrou que mudanças reais começam dentro das comunidades. Ao enfrentar a crise da água com organização, solidariedade e mobilização local, a escola transformou um grande desafio em oportunidade de crescimento e autonomia. Essa história mostra que as soluções mais poderosas nem sempre vêm de fora; elas nascem da força coletiva e da capacidade das comunidades de se apoiarem mutuamente.

Gifted Community Centre ressignifica narrativas sobre deficiência

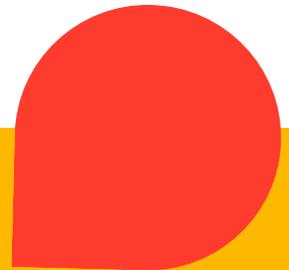
A deficiência não é algo a ser superado: é uma base sobre a qual se pode construir. Na movimentada Rua Karanja, em Kibera (Nairobi, Quênia), onde os desafios são muitos e constantes, o *Gifted Community Centre* (GCC) se tornou um espaço de transformação. Ali, jovens com deficiência não apenas sobrevivem: eles/as florescem.



De colegas de escola a ativistas

O GCC é um espaço de fortalecimento de lideranças para jovens com deficiência. Neste local, eles/as são formados/as, apoiados/os, mentorados/os e incentivados/os a se tornarem referências para si mesmos/as e para as suas comunidades. A história do Centro é única e inspiradora. Criados/as em Kibera, os/as fundadores/as do GCC — ambos/as pessoas com deficiência — vivenciaram de perto os desafios enfrentados por sua comunidade, que historicamente está entre as mais vulnerabilizadas e excluídas da sociedade, privada do acesso a serviços básicos e oportunidades. Era preciso mudar esse cenário.

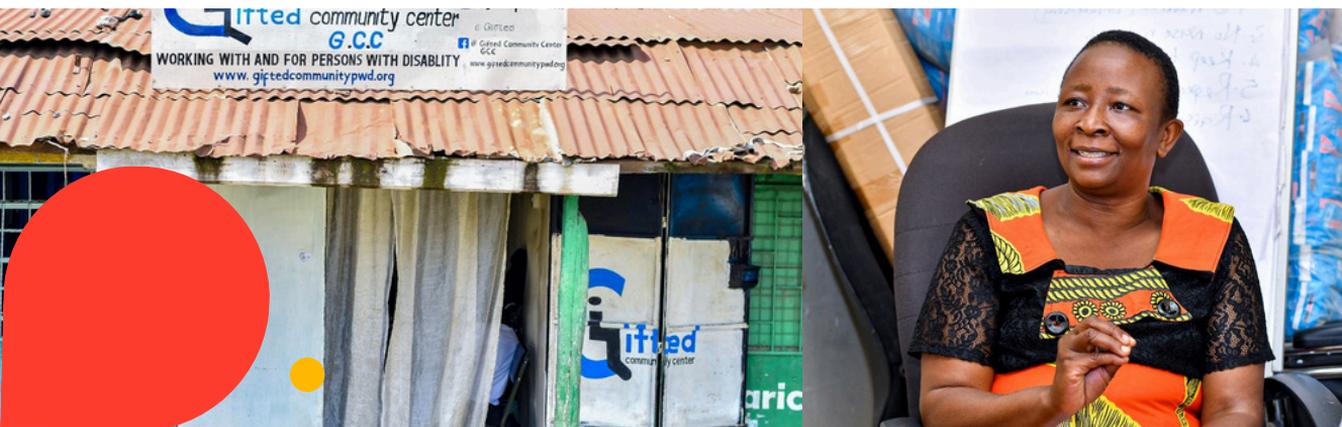
Hellen Mueni, responsável pelas finanças, conta que quando a organização começou, em 2008, os/as dois/duas fundadores/as ainda estavam no ensino médio. *“Só em 2018 é que o GCC foi oficialmente registrado”,* explica. *“Nós atuamos com mentoria, educação, informação, empoderamento e defesa de direitos das pessoas com deficiência”,* afirma Hellen. *“Como espaço de formação de jovens lideranças (e muitos/as já bem familiarizados/as com as redes sociais), nosso foco de incidência está, em grande parte, na comunicação digital, para alcançar o maior número possível de pessoas.”*



Muitas mãos, trabalho mais leve

“Em 2022, passamos a integrar o grupo técnico de trabalho de Nairobi, sendo a única organização com foco direto em pessoas com deficiência”, explica Dennis Kaburu, coordenador de projetos no GCC. “Também passamos a fazer parte de um consórcio de organizações atuando pelos direitos das pessoas com deficiência. Percebemos que, para ampliar a inclusão em todos os níveis e contribuir na elaboração de políticas públicas, precisaríamos fortalecer nossa atuação. Foi então que nos inscrevemos na formação de Incidência Política, oferecida pela Kenya Community Development Foundation (KCDF) com apoio do Virando o Jogo.”

Dennis continua: “A formação foi um divisor de águas. Aprendemos o valor de se articular com organizações que compartilham os mesmos princípios. Recebemos também o acompanhamento de uma mentora que nos ajudou a identificar lacunas no nosso plano estratégico atual. Agora, estamos construindo um novo plano, mais robusto, para ampliar nosso alcance e impacto”, conta.



Do território local à incidência nacional

Hoje, o impacto do GCC ultrapassa os limites de Kibera. A organização atua nos 13 bairros da região e conta com embaixadores/as em várias escolas do país. Suas iniciativas incluem programas de saúde, educação comunitária, meios de vida sustentáveis, pesquisa, mobilização social, advocacia e fortalecimento institucional.

Até o final de 2021, o GCC já havia alcançado cerca de 1.000 pessoas com deficiência, incluindo 400 mulheres, 500 jovens, 100 crianças e 100 cuidadores/as e membros da comunidade.

Dentre os serviços oferecidos, estão atividades relacionadas a direitos sexuais e reprodutivos, prevenção ao HIV e à COVID-19, enfrentamento à violência baseada em gênero, desenvolvimento de competências para o trabalho e encaminhamentos a oportunidades de emprego. O que começou como uma organização voltada para questões pontuais sobre deficiência, tornou-se uma coalizão com atuação interseccional, abordando também raça, gênero e orientação sexual. Hoje, mais do que dar visibilidade às experiências individuais, o GCC atua de forma coletiva e estratégica para promover mudanças duradouras, inclusivas e transformadoras.

Cuidar do Coração, Cuidar da Gente: A Luta por Saúde Próxima de Quem Precisa

As doenças do coração têm um impacto pesado na vida de crianças e jovens do norte da Tanzânia. Lá, os cuidados especializados em cardiologia ficam concentrados nas grandes cidades, como *Dar es Salaam*. Quem mora no campo, em lugares como Kilimanjaro, Arusha, Manyara e Tanga, precisa viajar mais de 500 quilômetros para conseguir tratamento. Essas viagens longas, caras e com pouco acesso a médicos atrasam ou até impedem que muita gente receba o cuidado que pode salvar suas vidas. Isso mostra como é urgente criar soluções que aconteçam perto de quem precisa.

Preenchendo a lacuna

Para responder a essa necessidade, o *Kilimanjaro Christian Medical Centre* (KCMC) — um hospital universitário com 720 leitos — lançou uma iniciativa corajosa: criar o primeiro centro cardiovascular do norte da Tanzânia. Com o apoio de lideranças locais e parceiros/as internacionais, esse centro vai atender milhões de pessoas e também será um espaço de formação para profissionais de cardiologia de toda a região.

No coração desse movimento estão pessoas comprometidas com a mudança, como Joel Massawe e Robert Mtawa, da equipe do KCMC. Depois de participarem, em 2023, da formação de Mobilização de Recursos Locais e Incidência Política do Virando o Jogo, eles voltaram cheios de propósito renovado.

Virando o Jogo

A construção do Centro Cardiovascular do KCMC já está em andamento desde 2023, e a inauguração está prevista para 2026. O espaço terá laboratórios de cateterismo, salas de cirurgia e ambientes híbridos para procedimentos complexos. Além disso, vai oferecer um programa estruturado de treinamento para formar uma equipe nacional de cardiologistas com bolsas de estudo que já acontecem em *Dar es Salaam* e na Índia. Parceiros como o *Minneapolis Heart Institute Foundation*, a *ZGT-Overzee Foundation* e o *American College of Cardiology* são fundamentais para dar suporte.



De fora para dentro

Uma das maiores transformações dessa iniciativa é a mudança na forma de pensar o financiamento. Agora, a liderança local e a participação da comunidade são o centro da mobilização. Para fechar a diferença de cerca de US\$2,5 milhões de dólares, em julho de 2024, o KCMC lançou a Maratona KCMC, um evento regional para mobilizar recursos e fortalecer a conscientização. A meta era arrecadar US\$85 mil dólares com apoio de negócios locais, profissionais e pessoas da comunidade. No fim, conseguiram juntar US\$74.142 dólares: uma resposta muito positiva.

“Isso não é só sobre construir uma ala no hospital”, explica Robert Mtawa.

“É construir um movimento de gente que acredita na criação de algo importante e duradouro, juntos/as.”

Para famílias da região, a promessa de um atendimento local traz mais que esperança médica, traz alívio no coração.

“Meu irmão mais novo tem um problema no coração desde que nasceu”, conta Zawadi, estudante universitária em Moshi. “A gente passou anos juntando dinheiro para cada viagem até Dar. Quando ouvi falar do plano do KCMC, senti esperança pela primeira vez. Mesmo sem o centro estar aberto ainda, saber que ele vai existir já tira um peso que a gente carregou por muito tempo.”

Um sonho para a África

A força desse projeto está na parceria entre hospitais, comunidades, ministérios e aliados/as internacionais. Com o apoio da *The Foundation for Cardiovascular Care (FCCA)* e a colaboração de atores locais, o KCMC está criando um modelo que pode ser replicado em outras regiões.

O sonho é grande: não é abrir só um centro, mas estabelecer três centros de formação em cardiologia por toda a África. Investindo nas pessoas, na infraestrutura e no conhecimento, essa iniciativa quer transformar de vez o acesso e o jeito como se oferece cuidado cardíaco no continente. A história do KCMC mostra que, quando a ação local se junta à colaboração global, a mudança transformadora é possível. Mesmo com o centro ainda em construção, o movimento que ele já criou está mudando vidas e redefinindo como a saúde pode ser cuidada na África.



“Antes da formação, a gente pensava que captar recursos era olhar para fora”, conta Joel Massawe. “Agora, a gente entende que o poder para mudar precisa nascer de dentro da gente.”



Tramas de Esperança: a força de um povo que resiste

O povo *Batwa*, uma comunidade indígena historicamente esquecida em Uganda, está encontrando um novo sentido pra vida por meio de um projeto de costura que fortalece saberes, autoestima e propósito coletivo.

O povo *Batwa* é uma das comunidades indígenas mais marginalizadas do país. Antigamente, viviam nas florestas como caçadores/as e coletores/as, até que, nos anos 1990, foram expulsos/as de suas terras ancestrais quando o governo transformou as florestas em parques nacionais para a conservação dos gorilas. Essa expulsão tirou do povo *Batwa* seu território, seus meios de sustento e sua identidade cultural.

Uma luta pela sobrevivência

Hoje, a comunidade *Batwa* enfrenta pobreza extrema, exclusão social e acesso muito limitado à educação, à saúde e a oportunidades de trabalho. Muitas famílias *Batwa* vivem à margem da sociedade, batalhando diariamente para conseguir sobreviver. A situação é ainda mais difícil para as mulheres e meninas da comunidade, que enfrentam barreiras culturais e, sem oportunidades de gerar renda, acabam dependendo de ajuda externa. Era hora de romper esse ciclo e criar caminhos para um desenvolvimento sustentável de verdade.

Aprendendo a mobilizar recursos

Em 2023, três integrantes da KADOLHA, uma organização que apoia órfãos e crianças vivendo com HIV/AIDS, participaram de uma formação sobre Mobilização de Recursos Locais promovida pelo *Uganda National NGO Forum* (UNNGOF). A formação ajudou a organização a buscar recursos dentro da própria comunidade, reduzindo a dependência de doações internacionais.

Inspirados/as pelo que aprenderam, lançaram várias campanhas comunitárias de mobilização ao longo de seis meses. Usaram estratégias como reuniões abertas, eventos de conscientização e até programas em rádios locais para contar sobre o impacto do projeto.



O protagonismo é do povo Batwa

A comunidade *Batwa* abraçou a iniciativa e se mobilizou para tirar o projeto do papel, doando materiais de costura, tecidos, alimentos e roupas. A adesão foi tão significativa que a campanha alcançou êxito e ainda recebeu um reforço financeiro do UNNGOF. Com os recursos obtidos, a KADOLHA adquiriu 21 máquinas de costura.

Para garantir que a comunidade tivesse voz ativa em todo o processo, a organização promoveu um encontro com lideranças locais, conselhos escolares e representantes comunitários; o que gerou novas contribuições. Vários diálogos com diferentes grupos reforçaram o engajamento desde o início, resultando em doações importantes, como duas máquinas de costura e insumos suficientes para quatro meses de formação dos/das aprendizes. As visitas ao mercado também renderam frutos: foram vendidos 82 absorventes reutilizáveis, além da conquista de uma máquina de costura e dois rolos de tecido. Um comerciante local, sensibilizado pela ação, ainda ofereceu um curso gratuito de três meses sobre produção de absorventes de qualidade.

Da linha à libertação

A iniciativa mudou a vida das pessoas do grupo *Murubindi Batwa* e de suas famílias. Com os novos aprendizados, o grupo já produziu mais de 450 absorventes reutilizáveis, o que gerou renda para quem participa. Com o aumento da produção, novas oportunidades surgiram. O grupo de Mães Adolescentes de *Kalengyere* fechou um contrato para confeccionar uniformes para a União das Mães, aumentando ainda mais os ganhos.

Até agora, o projeto beneficiou diretamente 119 famílias, impactando a vida de aproximadamente 476 pessoas. Com uma renda mais estável, essas famílias conseguem comprar comida, cobrir gastos do dia a dia e até fazer uniformes escolares para seus filhos e filhas. Para além da renda, o projeto fortaleceu os laços dentro da comunidade, criando uma rede de apoio baseada na solidariedade e na colaboração.

“Às vezes, mobilizar recursos não é só sobre dinheiro. Recursos em forma de bens ou materiais podem ser tudo que a gente precisa. O Virando o Jogo mudou meu jeito de pensar sobre mobilização. Antes, eu achava que só dava pra levantar recursos com ajuda de países ricos. Agora, eu sei que também é possível fazer isso com sucesso, aqui mesmo, localmente”, conta

Andrewm Buhungiro
KADOLHA - Uganda



10
ANIVERSÁRIO

VIRANDO
O JOGO



REGIÃO:
ÁSIA

ÍNDIA
CAMBOJA
SRI LANKA
INDONÉSIA
NEPAL



Ela planta, ela colhe: a força das mulheres rurais na Índia

Em meio às paisagens do distrito de Satara, em *Maharashtra*, uma transformação silenciosa, mas poderosa, está em curso, evidenciando a urgência de apoiar agricultoras/es e mulheres do campo na Índia.

De acordo com o Censo de 2011, cerca de 69% da população indiana vive em áreas rurais, sendo que as mulheres representam quase 48% da força de trabalho nesses territórios. Apesar de seu papel essencial, agricultoras/es e mulheres do campo enfrentam, frequentemente, dificuldades econômicas severas, acesso restrito a mercados e uma crescente vulnerabilidade ambiental agravada pelas mudanças climáticas.

Atenta a esses desafios, a organização *Action for Women and Rural Development* (AWARD), fundada e liderada pela advogada Nilima Kadam, atua desde 2001 na defesa dos direitos e do protagonismo das mulheres do campo e de comunidades agricultoras, com a convicção de que mudanças globais significativas começam com ações locais.

Em novembro de 2021, a AWARD deu mais um passo nesse caminho ao participar de uma formação em Mobilização de Recursos Locais, promovida pela *Smile Foundation*. O treinamento, com foco prático e metodologias de educação popular, fortaleceu a equipe da AWARD com habilidades fundamentais como construção de narrativas, abordagem de possíveis apoiadoras/es e elaboração de campanhas.

Manjusha Khedkar, coordenadora de programas da AWARD, relembra: “A mentoria que recebemos não só nos ensinou técnicas de mobilização, como também nos deu confiança para envolver nossa própria comunidade de maneira mais ativa e consciente.”

Do produto local ao impacto coletivo

Logo após a formação, a AWARD organizou seu primeiro projeto: um Festival de Alimentos de dois dias, realizado em Satara, em maio de 2022. O evento uniu a mobilização de recursos e o fortalecimento comunitário.

Mulheres e agricultoras/es de comunidades indígenas da região apresentaram com orgulho seus produtos da terra e itens feitos à mão, como *ghee*, mel, conservas, *papads* (bolachas) e muito mais. A iniciativa foi um sucesso surpreendente: com um investimento de US\$313 dólares, a organização arrecadou US\$1.506 dólares em contribuições voluntárias de profissionais locais, como pessoas da área de tecnologia, medicina e direito.

Mas a verdadeira conquista foi da comunidade: as/os produtoras/es arrecadaram, juntas/os, até Rs. 600.000 (aproximadamente US\$7.100 dólares) com a venda de seus produtos. O evento não foi apenas uma ação de mobilização — ele elevou a autoestima da comunidade, fortaleceu laços locais e, acima de tudo, restaurou o senso de dignidade e autonomia entre agricultoras/es e mulheres da região.



Quem planta, transforma

“Foi um orgulho imenso ver nossas/os agricultoras/es sorrindo com dignidade ao venderem o que produzem”, compartilha Manjusha. A advogada Nilima Kadam, fundadora da AWARD, reflete: *“Sabemos que não conseguiremos resolver sozinhas questões globais como as mudanças climáticas, mas vimos com nossos próprios olhos o impacto que pequenas ações locais podem ter. Trata-se de mostrar às pessoas que elas têm o poder de provocar transformações extraordinárias.”*

Para a AWARD, o Festival de Alimentos comprovou o que elas/es já sabiam: a mudança real começa no território. Com as ferramentas práticas adquiridas na formação da *Smile Foundation*, a organização não apenas mobilizou recursos: ela inspirou um novo modelo de ação que já começa a ser seguido por outras iniciativas.

Mais que futebol: a Copa Solidária promove inclusão

Imagine querer estudar, mas precisar caminhar por horas até a escola mais próxima, deixar de fazer refeições ou até abandonar os estudos para ajudar sua família a sobreviver? Esta é a realidade de muitas crianças no Camboja. Diante desse contexto, a *Indochina Starfish Foundation* (ISF Camboja) atua há 18 anos em defesa do direito à educação de qualidade para crianças do país. Por meio de ações educativas, esportivas e comunitárias, a organização constrói caminhos para a aprendizagem e ajuda famílias a superarem os desafios impostos pela pobreza.

No dia 3 de novembro de 2024, aconteceu a 3ª edição da *ISF Charity Football Cup* (Copa de Futebol Solidária da ISF), no campo esportivo da organização, em *Phnom Penh*, no Camboja. O evento reuniu equipes de futebol formadas por colaboradoras/es de empresas privadas, escolas, integrantes da comunidade local e diversas/os espectadoras/os.

Mais do que uma partida, a iniciativa celebrou o poder do esporte na construção de habilidades para a vida, na promoção da inclusão e no fortalecimento da liderança de crianças em situação de vulnerabilidade. A arrecadação do torneio ajuda a financiar os programas educativos e esportivos da ISF, que, a cada ano, impactam positivamente mais de 4 mil crianças — entre elas/es, crianças com deficiência.



Mais do que marcar gols

A ideia da Copa surgiu após a ISF participar de uma formação em mobilização de recursos locais promovida pelo *Cooperation Committee for Cambodia* (CCC). Inspirada pelo curso, a organização criou a Copa de Futebol Solidária como um evento de arrecadação com forte participação comunitária.

Sin Putheary, diretora executiva do CCC, destacou a importância das iniciativas enraizadas nas comunidades: “As contribuições e doações são recursos genuínos para o desenvolvimento sustentável. Incentivamos que a população se envolva em ações como esta, que fortalecem os vínculos comunitários e ampliam o apoio às crianças cambojanas”, diz.

“Cada equipe, com 15 participantes, contribuiu com US\$250 dólares para participar do evento — esse foi o modelo base da nossa arrecadação. Além disso, uma campanha online nas redes sociais ajudou a ampliar as doações. O resultado? Arrecadamos incríveis US\$11.025 dólares para apoiar nossa causa”, contou Chourp Vicheka, diretora executiva da ISF.

Ela também celebrou o crescimento e o engajamento coletivo.

“Durante o evento, vimos a força das equipes, não apenas em campo, mas também no compromisso com suas comunidades. Esta é nossa terceira edição: começamos com 13 times e, neste ano, foram 17 equipes e 255 jogadoras/es. É um crescimento impressionante”, celebra.



Empresas que se importam

Dave Ulmer, diretor executivo da empresa CBS, expressou sua satisfação em participar da Copa Solidária da ISF: “Ficamos felizes em contribuir com esse torneio. A educação é essencial para a construção de uma nação, e todos temos a responsabilidade de promovê-la”, diz.

O futuro vem aí

Para o próximo ano, a ISF pretende expandir ainda mais a *Charity Football Cup*, convidando mais coletivos, empresas e pessoas da comunidade para se juntarem à iniciativa. A meta é continuar construindo, coletivamente, um futuro melhor para as crianças cambojanas — com mais educação, esporte e inclusão social.

Como se tornar uma campeã do desenvolvimento sustentável?

A organização *Sahana Social Development Alliance* (SSDA), do Sri Lanka, sabia que merecia esse título quando entrou em campo. Com um pouco de formação, enfrentou de frente o sistema tradicional e verticalizado de financiamento.

Durante sete anos, a *Sahana Social Development Alliance* (SSDA) enfrentou muitos obstáculos para conseguir os recursos necessários para manter seus projetos comunitários. Apesar dos esforços, muitas ações acabavam sendo adiadas ou reduzidas por falta de dinheiro. Ficou evidente: depender exclusivamente de doadores/as internacionais não era sustentável. Era preciso mudar de estratégia.

A resposta veio a partir da ação local. Como uma rede formada por nove organizações comunitárias de base, a SSDA atua com mulheres, jovens, crianças e grupos historicamente marginalizados — incluindo pessoas com deficiência, famílias de pessoas desaparecidas e pessoas com histórico de dependência química. Esses grupos, há muito tempo invisibilizados, queriam deixar de ser apenas beneficiários/as e se tornar protagonistas de seu próprio desenvolvimento.



Da dependência de doadores/as à autonomia coletiva

O ponto de virada veio com a participação da SSDA em uma formação sobre mobilização de recursos locais, organizada pelo *Institute for Monitoring & Evaluation* (TiME). A formação foi transformadora. “Percebemos que o desenvolvimento sustentável não vai acontecer se continuarmos esperando ajuda de fora”, afirma Chamodi Kaushalya, coordenadora de projetos da SSDA. Com os conhecimentos adquiridos, a SSDA criou um plano para alcançar autonomia financeira. Em vez de buscar doações pontuais para projetos específicos, decidiram investir em ativos que pudessem gerar renda de forma contínua. A proposta foi apresentada ao principal doador da organização, que, apesar de inicialmente hesitante, aceitou apoiar com cerca de US\$45 mil dólares. Com esse recurso, a SSDA e suas organizações-membro adquiriram equipamentos como kits de buffet, 100 cadeiras para cada organização, máquinas de café e sistemas de som. Esses itens agora são alugados para gerar renda regular.

Um modelo sustentável e enraizado no território

A renda gerada por esses ativos está fortalecendo as próprias comunidades envolvidas. “Não dependemos mais do modelo tradicional de doação”, diz Chamodi Kaushalya.

“Nossas organizações-membro agora têm condições de mobilizar seus próprios recursos e tomar decisões sobre os projetos que desejam realizar.”

O próximo passo é aprofundar a criação de mecanismos sustentáveis e de longo prazo para garantir a continuidade das ações da SSDA e de suas organizações parceiras: *“Nossa capacidade de mobilizar recursos cresceu muito”*, conta Chamodi. *“Antes da formação, a gente nem sabia como fazer isso de forma estruturada. Era tudo improvisado. Agora, temos ferramentas e confiança para planejar o futuro.”*

Com uma estratégia nítida de desenvolvimento sustentável e uma rede em expansão de organizações fortalecidas, a SSDA mostra, com inovação e coragem, como é possível ser uma verdadeira campeã e lutar por uma sociedade mais justa e autônoma no Sri Lanka.





Cuidar da Terra, Cuidar da Gente: A Revolução Silenciosa do Camboja Rural

Nas zonas rurais do Camboja, a agricultura sustenta quase um terço da população. No entanto, as mudanças no clima e os recursos limitados colocam em risco a vida de muitas famílias que dependem da terra para sobreviver. É nesse contexto que o *Village Support Group* (VSG) atua, fortalecendo agricultoras/es e comunidades marginalizadas/os para que enfrentem, juntas/os, esses desafios.

A mudança começa por nós

O VSG é uma organização de base comunitária que apoia agricultoras/es e comunidades rurais cambojanas. Sob a liderança de Oknang Pichitra, defensora comprometida com o desenvolvimento local, a organização acredita que as transformações reais começam nas comunidades. *“Não podemos esperar que as grandes políticas cheguem até as pessoas mais vulnerabilizadas”,* afirma Pichitra. *“A mudança precisa começar por nós.”*

O VSG trabalha para fortalecer a luta das comunidades locais: promovendo práticas agrícolas orgânicas, conservação da água e alternativas de sustento, como a criação de aves e a apicultura. Mulheres lideram grupos de economia solidária nas vilas, e toda a comunidade recebe formação para se preparar melhor para situações de desastre, como enchentes e secas.

Sob a liderança de Pichitra, a organização promove agricultura sustentável, resiliência climática e autonomia financeira, oferecendo ferramentas para que as próprias comunidades liderem sua transformação.

Conhecimento que salva vidas

Após participarem da formação de Incidência Política, realizado pela *Advocacy and Policy Institute* (API) - parceiro do Virando o Jogo no Camboja -, integrantes da comunidade elaboraram planos de ação, aprenderam sobre leis de pesca, resolução de conflitos e aprimoraram sua capacidade de diálogo e incidência junto às autoridades locais. A alfabetização digital, incluindo redes sociais e ferramentas de tecnologia, também fortaleceu a organização comunitária e a mobilização nos territórios.

“Sozinhas, as mudanças são lentas, mas juntas, criamos um movimento”, diz Li Roth, formador do VSG. Ele destaca os avanços da formação, que contribuiu para aproximar comunidades e poder público local, promovendo tanto a justiça ambiental quanto o desenvolvimento sustentável. Hor Sam Ath, integrante de uma comunidade pesqueira, compartilha as mudanças no seu dia a dia: *“Sou muito grato ao VSG, aos financiadores/as e às autoridades pelo apoio na proteção da área de conservação da nossa comunidade pesqueira. A quantidade de peixes aumentou, e agora temos acesso mais fácil à pesca durante a estação das chuvas. Isso melhorou muito nossa qualidade de vida, e a população de peixes continua crescendo a cada ano”*, conta.



O que vem pela frente

Apesar dos desafios — como a escassez de recursos — o VSG mantém seu compromisso com um impacto duradouro. Com parcerias sólidas e foco na liderança local, a organização está expandindo suas ações. Entre os próximos passos, está prevista a ampliação da alfabetização digital, especialmente entre jovens, para garantir inovação e resiliência contínua nos territórios. Com apoio constante e uma visão coletiva de desenvolvimento inclusivo, o VSG mostra que pequenas ações locais, quando estratégicas e coletivas, podem enfrentar até os maiores desafios globais.



Saúde acessível começa na vizinhança

Todos os anos, milhões de crianças de países de baixa renda morrem por condições de saúde que poderiam ser tratadas. Não pela falta de medicamentos, mas porque o acesso à saúde é um privilégio distante.

Na Indonésia, onde 1 em cada 3* crianças que vivem em áreas remotas não têm acesso a cuidados médicos básicos, essa injustiça é agravada pela geografia e pela pobreza. Para crianças com fissura labiopalatina ou com necessidades pós-cirúrgicas, a exclusão pode durar a vida inteira. Mas, em Bali, uma organização chamada *Kolewa Harapan Indonesia* se recusou a aceitar esse destino.

O abrigo da *Kolewa* para crianças em situação de vulnerabilidade já estava com a capacidade esgotada. Onze crianças dormiam em colchões rasgados, enquanto outras aguardavam cirurgias transformadoras que suas famílias jamais poderiam pagar. *“As doações internacionais eram imprevisíveis”*, lembra Ni Luh Juliani — conhecida como Anna, presidenta da organização. *“Precisávamos de uma solução sustentável — algo que viesse da própria comunidade”*.

Transformando refeições em recursos para a saúde

Por meio da formação em mobilização de recursos locais do Virando o Jogo, realizada na Indonésia pela organização parceira Satunama, a *Kolewa Harapan Indonesia* ganhou mais do que habilidades — conquistou uma estratégia. Aproveitando redes de contato locais, a organização se aliou a uma vendedora de frango frito, a ACK, para vender 1.000 cupons por meio de abordagem direta a conhecidos/as, amigos/as e parceiros/as. Foi assim que transformaram refeições em recursos para cuidados médicos.

Com uma campanha de financiamento coletivo na Kitabisa.com — maior plataforma de doações da Indonésia — a organização emocionou doadores/as ao compartilhar histórias de crianças nascidas com fissura labiopalatina.

Resultado: conseguiram arrecadar 150 milhões de rúpias indonésias (o equivalente a US\$9.126 dólares).





Em apenas 6 meses, a *Kolewa Harapan Indonesia* comprou 11 colchões novos, devolvendo conforto e dignidade para as crianças em recuperação. Também foi possível financiar três cirurgias de correção de lábio leporino, transformando não só vidas, mas também futuros. “Tudo que eles/as querem é a cura das nossas crianças. Nunca se cansam de ajudar quem mais precisa”, contou Silvina Suryati, acompanhante de crianças atendidas e hoje beneficiária da *Kolewa*.

“Os recursos que arrecadamos localmente podem parecer modestos perto das doações internacionais, mas representam nossos primeiros passos rumo à autonomia”, afirmou Anna.

Mudanças duradouras começam quando as próprias comunidades constroem suas soluções. O sucesso da *Kolewa Harapan* mostrou que é possível enfrentar necessidades urgentes com estratégias de mobilização local — e que a força comunitária gera impactos sustentáveis.

*Fonte: UNICEF Indonésia, 2022; Banco Mundial, 2023

Quem Move o Mundo? Essas Mulheres

Os direitos das mulheres enfrentam um retrocesso global. Aumentam as discriminações, enfraquecem-se as proteções legais e os financiamentos destinados às agendas de equidade estão cada vez mais escassos, ameaçando conquistas construídas ao longo de décadas. Em comunidades rurais do Sri Lanka, onde tradições conservadoras muitas vezes limitam o potencial das mulheres, as muçulmanas vivem uma realidade dura: exclusão de espaços educacionais, da vida econômica e das decisões que impactam suas próprias vidas. Mas a *Women Development Organization* (WDO) escolheu imaginar outro futuro: um em que mulheres se fortalecem juntas, reivindicam seus direitos e florescem.

Da fala à ação

No Sri Lanka, a União das Mulheres Muçulmanas Asiáticas (AMWU) existia de forma informal há anos. No entanto, sem reconhecimento legal, sua influência era limitada e suas vozes, silenciadas. O maior obstáculo? A resistência de líderes religiosos, que questionavam o papel de coletivos liderados por mulheres. “Muitas pessoas acreditavam que uniões de mulheres não eram necessárias”, lembra Ilmunisa Mohamed Nizmy, liderança da WDO.

Mesmo diante da falta de reconhecimento e aceitação comunitária, a WDO não desistiu. Sabiam que a transformação exigiria estratégia e persistência. Foi aí que encontraram apoio na formação em Incidência Política do Virando o Jogo. O treinamento, repleto de estratégias práticas e aprendizados aplicáveis, ofereceu às mulheres ferramentas concretas para avançar. A WDO então lançou uma campanha de 35 dias para ampliar a conscientização e mobilizar apoio à AMWU. Voluntárias foram de porta em porta, explicando como a organização coletiva poderia melhorar vidas e territórios. Também promoveram diálogos com líderes religiosos, mostrando que a união de mulheres poderia impulsionar o desenvolvimento comunitário, e não contrariar tradições. Com esse trabalho cuidadoso e político, a WDO conquistou confiança e estabeleceu alianças essenciais.



Mais fortes do que nunca

Os resultados apareceram rápido. A AMWU foi oficialmente registrada como organização da sociedade civil, o que permitiu acesso a recursos financeiros e a novos programas. Líderes religiosos, que antes eram céticos, passaram a apoiar ativamente o coletivo, reconhecendo publicamente seu papel em temas como educação e superação da pobreza. *“Quando investimos em lideranças femininas populares, não apenas transformamos comunidades; ampliamos o que é possível”*, afirma Ilmunnisa Mohamed Nizmy. O número de integrantes da AMWU cresceu. Vinte mulheres se uniram ao coletivo, muitas delas vindas de fora da vila. Em articulação com outras organizações, elas passaram a acessar ferramentas de fortalecimento individual e coletivo. Com esses aprendizados, voltaram para suas comunidades com ideias e energia para promover mudanças. Iniciaram projetos sociais, envolveram outras mulheres e criaram soluções locais. Mas o maior impacto não foi apenas numérico. As integrantes da AMWU começaram a dialogar com o poder público em busca de acesso a serviços básicos como educação, saúde e oportunidades econômicas. Coisas que, até então, eram impensáveis para mulheres de suas comunidades.



O futuro é delas — e já começou

O trabalho da Organização de Desenvolvimento das Mulheres no Sri Lanka é um exemplo poderoso de mobilização de base. Mostra que, quando mulheres se organizam e constroem juntas, são capazes de alcançar mudanças reais, profundas e duradouras. Hoje, o movimento segue crescendo. O compromisso com a construção de lideranças femininas, com o questionamento de normas ultrapassadas e com a transformação social continua inspirando outros territórios — no Sri Lanka e além. Esta é uma história sobre o poder das mulheres que ousam ocupar espaços, levantar a voz e transformar o mundo.

Quebrando tabus

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o autismo afeta cerca de 1 a cada 100 crianças no mundo. No entanto, no Nepal, essa realidade é ainda mais desafiadora. Com pouca informação disponível, quase nenhum recurso para diagnóstico e acesso escasso à educação especializada, muitas famílias enfrentam o estigma e a exclusão social cotidianamente.

Esperar não é uma opção

Na zona rural nepalesa, estima-se que o autismo afeta cerca de 3 a cada 1.000 crianças. Sem apoio adequado, essas crianças são frequentemente deixadas de lado em suas comunidades, privadas do direito de participar, se desenvolver e viver com dignidade. Apesar do ritmo lento das mudanças globais, iniciativas locais, como as de Pokhara, mostram que ações comunitárias podem ter impacto real e duradouro.

Foi nesse contexto que nasceu, em 2019, a *Autism Care Society Gandaki (ACSG)*, criada por um grupo de mães e pais, entre eles Mukunda Lamsal, cujo filho é autista.

Para Mukunda, a motivação é profundamente pessoal: *“A ACSG surgiu a partir de uma necessidade concreta. Nossa missão é construir uma sociedade onde crianças autistas possam viver com autonomia e respeito, amparadas por uma comunidade que as acolha.”*

A ACSG não nasceu de teorias ou de grandes debates políticos, mas sim das lutas diárias e do desejo de um pai por um futuro melhor, não apenas para seu filho, mas para tantas outras crianças e adolescentes como ele.





Mudanças visíveis e potentes

A transformação na vida das crianças é notável. *“Um dos meninos, o Arav, entrou na 16ª turma,”* conta Parbati Shrestha, coordenadora da ACSG. *“Ele era tímido, evitava contato visual. Agora, brinca com outras crianças, se comunica melhor e está avançando na escola.”*

Histórias como essa se multiplicam. *“Minha filha era inquieta, tímida e não respondia aos nossos chamados”,* compartilha Dhan Raj Gaut. *“Desde que começou a frequentar a ACSG, ela responde quando nos comunicamos e consegue manter o foco por mais tempo.”* Para muitas famílias, ver seus filhos e filhas florescerem é o maior sinal de sucesso.

Um futuro verdadeiramente inclusivo

Olhando para frente, a ACSG tem planos ambiciosos. *“Nosso sonho é que o autismo deixe de ser visto como um obstáculo,”* diz Mukunda. *“Queremos que o governo escute mais e atue de forma concreta pelas crianças autistas.”*

Para isso, a ACSG está ampliando sua atuação: quer formar professoras/es, profissionais de saúde e organizações da sociedade civil em toda a região de Gandaki, para fortalecer o acolhimento, o cuidado e a inclusão de pessoas autistas.

A caminhada continua — e com ela, cresce também o movimento por dignidade, respeito e equidade para todas as pessoas com autismo no Nepal.

“Embora não possamos resolver sozinhas/os os grandes problemas globais, como a crise climática, testemunhamos de perto o quanto ações locais, ainda que pequenas, podem ser transformadoras. Trata-se de fortalecer pessoas comuns para que reconheçam o poder que têm de promover mudanças extraordinárias.”

— **Nilima Kadam** – Action for Women and Rural Development (AWARD) – Índia

Faça parte da mudança

Nos últimos 10 anos, o Virando o Jogo apoiou milhares de pessoas que transformam realidades ao redor do mundo, fortalecendo organizações da sociedade civil, e tornando-as mais autônomas e resilientes. Nossa jornada está só começando e você pode ajudar a construir o que vem pela frente!

Como você pode participar deste movimento?

- **Doadoras/es:** Invistam em impacto sustentável. Seu apoio nos permite alcançar mais organizações e ampliar habilidades de mobilização de recursos locais onde são mais urgentes.
- **Participantes e ex-participantes:** Compartilhem suas histórias, tornem-se embaixadoras/es locais ou mentorem novas pessoas em ação. Suas trajetórias têm o poder de inspirar e fortalecer essa rede global.
- **Todas as pessoas:** Curtam, comentem e compartilhem nossos conteúdos. Cada interação ajuda a ampliar vozes que estão promovendo mudanças reais em seus territórios.



Vamos co-criar a próxima década de impacto!
Junte-se ao movimento!



 @CTGAcademy

 @change_the_game_academy

 @CtGAcademy

 Change The Game Academy

changethegameacademy.org

Assine nossa newsletter:

changethegameacademy.org/newsletter

